

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Memória de Arlindo Ignácio de Oliveira em Diamantino Mato Grosso (1955 a 1999)

Abrelino Carlos Tenedini*

Resumo: Neste artigo apresentamos uma reflexão sobre a atuação do padre Arlindo Ignácio de Oliveira, que esteve a serviço da missão jesuítica no período de 1955 a 1999 em Diamantino Estado de Mato Grosso, objetivando catequizar principalmente povos indígenas da nação Irantxe e Paresi. As análises sobre a memória têm como fontes cartas pessoais, permeadas de aspectos íntimos, e de representações que o mesmo tinha do território mato-grossense e das populações indígenas. Estas revelam um discurso que traz realidades construídas por seu autor. A narrativa de padre Arlindo traz sensibilidades e emoções estabelecendo uma história criteriosa ao relacionar com a documentação produzida pela missão religiosa, possibilitando compreender o processo de colonização de Mato Grosso.

Palavras-chave: missão – representação - colonização

Abstract: This article introduces a reflection about the priest Arlindo Ignácio de Oliveira's performance, he worked in a Jesuitical mission, in the period from 1955 to 1999, in Diamantino, Mato Grosso. His objective was to catechize mainly the indigenous peoples of the nation Irantxe and Paresi. The analysis about the memory is based on personal letters permeated of intimate aspects and representations he had about the mato grossense territory and the indigenous peoples. These reveal a discourse which brings realities built by his author. The narrative of the priest Arlindo brings sensibilities and emotions establishing a judicious history when related to the documentation produced by religious mission enabling us to understand the process of settlement in Mato Grosso.

Keywords: mission – representation – settlement

As missões religiosas católicas estão relacionadas a diferentes períodos da história do Brasil, desde a colonização portuguesa a partir do século XVI até os dias atuais. No Mato Grosso, região de território rico em recursos naturais, mas ausente de pessoas empreendedoras (GALETTI, 2000: 27), influenciaram a vinda do padre Arlindo Ignácio de Oliveira, membro da Instituição Jesuítica, que também vivenciava e difundia a mesma concepção do território mato-grossense, a da possibilidade de progresso com a introdução de imigrantes e capitais europeus (GALETTI, 2000:27).

Ao analisarmos a ação da missão jesuítica, na segunda metade do século XX, no Mato Grosso, é possível estudar a trajetória da experiência do padre Oliveira, nascido no Estado de Santa Catarina em 1930. Este missionário esteve entre os índios Irantxe e Paresí na

missão de Diamantino¹, durante os anos de 1955 até sua morte em 1999. Sendo assim, tencionamos neste artigo apresentar uma abordagem histórica, buscando entender a atividade evangelizadora jesuítica como parte do processo da colonização do Mato Grosso.

As correspondências produzidas pelo padre e os documentos oficiais enviados a Ordem dos jesuítas e a outras Instituições não governamentais², são fontes analisadas que possibilitaram perceber a experiência do “evangelizador” junto aos índios e ao corpo eclesiástico. O que nos leva a compreensão da situação limite do processo de catequização. Segundo Ângela Castro Gomes as cartas íntimas possibilitam o entendimento das memórias, porém, o que não seria possível através de outro tipo de documentação com fins burocráticos. Nessa perspectiva, possibilita-nos percebermos a inter-relação entre os ameríndios e o padre Arlindo. No entanto, não significa que os documentos “íntimos” são mais verdadeiros. Para nós interessa não a “realidade” extra documental, mas sim a “realidade” construída no documento por seu autor.

Por isso, ao apreender as práticas de Arlindo entre os índios, pode-se entender de forma mais significativa às representações e observações feitas por ele sobre o Mato Grosso e os povos indígenas com os quais trabalhou.

Para perceber as representações do “evangelizador”, recorro a concepção de Chartier, que possibilita o entendimento do significado das construções da realidade, como bem lembra o autor ao escrever que: “as estruturas do mundo social não são um dado objectivo; todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articulada que constroem suas figuras” (CHARTIER,1990:27).

Nas cartas que o padre Arlindo escreve para seus pais, especialmente para sua mãe, ele relata as primeiras percepções sobre Mato Grosso e sobre as comunidades indígenas. Em carta datada de 30 de janeiro de 1955 o seminarista Arlindo escreve sobre a cidade de Cuiabá,

É uma cidade bastante pequena, apesar de ser a capital de Mato Grosso. As ruas são tão estreitas que mal deixam espaço para o caminhão. É uma cidade sem indústrias alguma. A ignorância religiosa é tremenda. Aos domingos a Igrejinha, onde os nossos padres trabalham não chega a encher. Os homens são poucos na Igreja. Na terça-feira, porém, dia dedicado a São Benedito a capela fica cheia, apesar da missa ser às 5 horas³.

¹ Diamantino. Município situado na região médio norte mato-grossense. Espaço específico de nosso estudo abrange atualmente quatro municípios que foram desmembrados na seguinte ordem: Tangará da Serra em 1976, Brasnorte em 1986, Campo Novo dos Parecis em 1988 e Sapezal em 1994.

² Manos Unidas. Agência de cooperação espanhola - Madri. ADVENIAT. Organização filantrópica da Igreja Católica alemã para a América Latina.

³ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 30-01-55.

Não estamos preocupados em discutir a suposta “veracidade” dos relatos do seminarista. Fica claro que Arlindo elabora suas descrições, de forma a construir, reproduzindo várias representações e imagens, um Mato Grosso distante dos padrões ideais de sociedade “civilizada”. O isolamento e a distância são ressaltados por Arlindo, de forma muitas vezes bem humorada e procurando impressionar seus familiares. No relato da viagem que fez de Campo Grande para Cuiabá Arlindo escreve: “embarcamos no ônibus ou ‘jardineira’ como chamam por aqui. O nome da empresa é “Baleia”. Carrega quarenta passageiros sentados. É de estilo antigo. (...). Na frente do carro estava escrito: “Balança mais não cai”⁴. E acrescenta: “íamos iniciar uma viagem de ‘só’ 900 kms”⁵. Chegando em Diamantino Arlindo observa, “é uma vilazinha de uns 800 habitantes. (...) A vida religiosa aqui também é muito fraca. Das 800 pessoas que aqui moram poucas freqüentam a Igreja”⁶.

Nada de incomum neste relato de Arlindo, de certa forma ele reproduz as representações criadas do Mato Grosso desde pelo menos o século XIX. O que nos interessa é como estas foram apropriadas por Arlindo em seu cotidiano na missão de Diamantino. Em outra carta datada de 15 de julho de 1955, Arlindo escreve:

*Aqui, mamãe, continuo trabalhando. O trabalho é muito, mas consola a gente. Mas é pena que haja tão poucos missionários! 5 padres para atender um território que é maior que o estado de São Paulo. Mas a missão que temos é de levar a luz da fé aos infiéis. (...) É verdade que não faltam privações, mas todos eles são felizes porque sabem que trabalham pela causa de Deus*⁷.

A imagem de “distância da civilização” que marca a visão de Arlindo em relação às características do ambiente em que desenvolve sua atividade religiosa serve para reforçar o caráter de “missão divina” de suas práticas em vários trechos. Em outra carta de 16 de janeiro de 1957, também endereçada a seus pais Arlindo comenta: “a vida aqui vai indo cheia de provações” e acrescenta, “uma coisa compreendo agora que para seguir a Jesus a gente deve estar disposto a agüentar bastante”⁸.

Outro aspecto importante dos seus escritos, quando era um jovem sacerdote, é seu fascínio em relação aos índios. Assim ele narra seu primeiro contato com os índios de Diamantino,

⁴ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 30-01-55.

⁵ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 30-01-55.

⁶ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 30-01-55.

⁷ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 15-07-55.

⁸ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 20-11-56.

Aqui já conheci muitos índios. Vem da missão de Utiariti para trabalhar numa fazenda nossa. Já são batizados e civilizados. Mas são índios. Um deles nestes dias ficou com maleita. Foi ao hospital e estava acostumado a dormir em rede. Foi posto numa enfermaria em que havia três camas. Não se ajeitava. Passava de uma para outra sem se agradar com nenhuma. Depois de uns dias ficou aborrecido e fugiu do hospital⁹.

A curiosidade em relação aos índios, no entanto, não retirava o sacerdote sua visão etnocêntrica e sua posição de “salvador de almas” (“As almas aqui se perdem por não haver quem as salve”). O que chama a atenção é que o seminarista apropria-se de conceitos como “bárbaros” e “infiéis”, como características que ao invés de transformar os índios em vilões, construía sua imagem como vítimas de sua própria cultura, como relata em outro trecho da mesma carta,

Nesses dias voltou para Diamantino um padre que trabalha entre os índios. Na sua viagem de 1600 Kms. (ida e volta) ouviu contar muita coisa a respeito de uma tribo feroz de índios, os Beijos de Pau. Neste ano estes índios atacaram os homens que estão extraindo borracha. Flecharam dois homens. (...) Agora o padre tem de resolver a questão, isto é, amansar estes índios. É uma tentativa que pode sair bem e que também pode sair mal. Tem que arriscar sua vida para salvar as almas desta pobre gente¹⁰.

Da primeira experiência em uma aldeia indígena, Arlindo constrói um relato em uma outra carta, também endereçada aos pais, datada de 16 de janeiro de 1957, onde narra a experiência de ter passado o Natal junto aos índios,

Chegamos ao Utiariti de tarde. Aí os bugrinhos vieram correndo ao nosso encontro. Aproveitei os dias que passei lá para pescar e passear com eles. É bonito vê-los nadar. Parecem peixes. Se o anzol tranca no fundo do rio, não é preciso procurar paus para destrancá-lo. Os indiozinhos mergulham e trazem-no de volta. Os rios daqui são de água limpidíssima. Se vê o fundo de todos eles¹¹.

O entusiasmo de Arlindo, “foi um natal que jamais esqueerei”, não pode nos levar a não perceber que apesar de seu deslumbramento com o modo de viver dos índios, a visão cunhada no lugar social ocupado pelo seminarista norteia suas observações, ainda nesta carta Arlindo atribui a ausência de vocações pela “falta de organização da família. “É difícil encontrar-se aqui família fundada sinceramente nos princípios da religião cristã. E daí a dificuldade de termos vocações”¹².

Outro ponto a ser destacado nas cartas de Pe. Arlindo é a forma como, apesar de estar tão distante, ele mantém ligações com a família e ao que denomina de “civilização”.

⁹ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 15-07-55.

¹⁰ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 15-07-55.

¹¹ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 16-01-57.

¹² CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 16-01-57.

Desde as primeiras cartas Arlindo promete enviar “bordados das índias do Utiariti” e procura inserir sua família como agente da missão que este desempenha em Mato Grosso. Isto fica explícito no momento em que o seminarista pede aos seus pais e familiares que “Rezem por Mato Grosso, rezem pela preservação da fé desta pobre gente. Aqui todo o sacrifício é pouco, por que as almas custam muito”.

Ao estabelecer relações a nível sentimental, a família também era envolvida com os índios alunos de Arlindo que estudavam em Diamantino. Em um trecho de uma carta, o mesmo agradece sua mãe pelos presentes que esta enviou para os índios, “recebi mamãe o seu presente. Muito obrigado. Na despedida dos meus seminaristas dei a cada um uma barra de chocolate. Ficaram contentíssimos. Rezem para que eles perseverem”.

Para reforçar a hipótese de que Arlindo ao longo de pouco tempo conseguiu integrar numa mesma rede as relações entre sua família e seus alunos do seminário, o sacerdote faz um pedido a sua mãe,

Mamãe, uma pergunta. A senhora estaria disposta a fazer de mãe de uma seminarista daqui? (...) pensei assim: mandá-lo para S. Salvador com o Jaime (irmão de Arlindo) e as férias poderia fazê-las sempre aí em casa. Porque para vir para Mato Grosso é muito caro. Que a senhora acha?

Os fortes laços mantidos com a família possibilitavam que Arlindo permanecesse integrado a um ambiente social que dava a ele o sentido de pertencimento, de identidade. O sacerdote tentava reproduzir e estender aos índios o modo de vida que tinha em seu lugar de origem. O recurso a sua família para pedir toca-discos, rádios, bicicletas, chocolates evidenciam este fato.

Desde as primeiras cartas, embora destacasse o imperativo da “vontade de Deus”, Arlindo mostrava-se muito sensibilizado com a pobreza e as doenças entre os grupos indígenas. Apesar de ter como objetivo “salvá-los” de sua pouca civilidade, o seminarista e depois padre, conseguiu através de diferentes “formas de negociação” construir laços muito fortes com os grupos indígenas com quem conviveu. O fato de ter lançado mão de estratégias não significou que este agisse de forma calculada, pelo contrário, o que analisamos como estratégias de conversão, eram encaradas pelo padre, ao que tudo indica, de forma sincera como designo e vontade de Deus.

Após mais de 40 anos de ação missionária, em uma carta endereçada a uma amiga, já em 1996, portanto, três anos antes de morrer, o padre faz um balanço de sua ação como missionário jesuíta,

Vais de me dizer: o Arlindo está louco. Estou mesmo. Sinto às vezes vontade de parar. Mas cadê a coragem (maldito ou bendito compromisso vocacional, sei lá, continuo sem decisão. Aliás nem decido sozinho; outros (superiores) decidem comigo; ou fazem de conta que decidem. (...) Vera, perdi no dia 30 de março um companheiro de trabalho. Morreu de câncer. Viemos juntos para a Missão. Numa das últimas conversas que tivemos juntos, fiquei impressionado com o que ele me disse: 'Arlindo, eu não sei se hoje, depois de quarenta anos, eu daria o meu sim para o sacerdócio. Vera, talvez não entenda este desabafo. Tu nunca chegarás a entender o que significa batalhar por uma causa, que, talvez dê resultado daqui a não sei quantos anos, e talvez a nível humano não dê nada. Bem, mas deixa para lá os resultados. Acho que na vida existe um gostinho meio 'besta' de estar fazendo aquilo que se gosta sem pensar em outras coisas'¹³.

O “desabafo” do padre nos permite refletir sobre seus conflitos com a sua ação missionária, os resultados de seu trabalho e sua relação com o corpo eclesiástico. Apesar de mostra-se irritado com a sua “vocação” e sua relação com os superiores, o desabafo termina com a reconciliação do padre com sua “missão”, em que já espera o resultado além do “nível humano” de seus mais de 40 anos de trabalho.

Além de desenvolver o trabalho de missionário junto aos índios, o padre Arlindo tentava buscar alternativas para resolver problemas sociais graves que os afligiam. No entanto o combate neste sentido tinha que concorrer com outras formas de conceber as transformações nas sociedades indígenas.

Aquela forma de conceber o mundo do jovem missionário que veio para Mato Grosso e que ainda nutria dos mesmos ideais, apesar dos conflitos e incertezas, agora tinha que competir com as teorias relativistas, de desenvolvimento sustentável e de proteção ambiental. Em uma carta escrita em 1998 sobre a resposta de uma organização não governamental espanhola¹⁴ a um projeto seu, o padre defende a criação de gado nas aldeias indígenas,

A conscientização foi feita com grande intensidade, acentuando a necessidade de eles assumir este projeto. Mais do que isto nada mais posso fazer. Devo acreditar em sua vontade de levar em frente este trabalho. O perigo de interferência na cultura é sem dúvida, uma preocupação válida, mas quando da minha experiências de anos, vejo nas aldeias falta de carne, debilitando a saúde dos índios, eu me pergunto: queremos manter uma cultura em cima de trapos humanos? A caça terminou, peixes nos rios são escassos. Já possuímos 9 cabeças na aldeia onde moro. Até o momento vai bem. Para o ano teremos um aumentozinho com novas crias¹⁵.

¹³ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira à Vera, Reserva Indígena, 13-07-96.

¹⁴ CARTA da organização não governamental Manos Unidas à Arlindo Ignácio de Oliveira, Madrid, 13-10-1998.

A morte do padre em 1999 na aldeia Paresí de Bocaíuval causou grande comoção entre os diferentes grupos indígenas com os quais o padre conviveu. Em um relato produzido por dois padres sobre “a celebração eucarística do primeiro aniversário da partida do Pe. Arlindo Ignácio de Oliveira” nos oferece a dimensão do significado da figura do padre entre os índios. Para a celebração vieram índios de muitos lugares,

Formamos uma assembléia muito especial de várias etnias diferentes e vindos de muitos lugares. Os Irantxe, Paresí e Nambikwara se misturaram com os amigos de Campo Novo dos Parecis (3 ônibus e alguns carros) do Sapezal (3 ônibus) e mais um ônibus de Brasnorte¹⁶.

O corpo de Pe. Arlindo foi enterrado na aldeia Bocaíuval em um túmulo “coberto com uma lápide de pedra polida enorme”. Ainda segundo o relato, em um dos cartazes que estavam junto ao túmulo “recordava as palavras de Pe. Arlindo: “Aos índios dedico a minha vida e aqui quero morrer”. Na mesma ocasião foi declamado um poema de autoria de Dirson Zokezomaê, Paresí. Deste poema destacamos o seguinte trecho:

(...) Naquela aldeia pequena/ onde morou na pobreza,/o povo chegando de longe,/Só encontraram uma grande tristeza,/Não puderam ouvir o padre Arlindo,/ Aquele Santo de pureza,/Só viram sua casa modesta,/ Relíquia de sua nobreza.(...)¹⁷.

Outro documento, uma carta escrita em 1997 por Adriana Quezo, uma índia Paresí que na ocasião vivia no Paraná, mostra a vontade dos índios para que o padre permanecesse entre eles,

Se você decidir ficar com sua família na velhice eu vou ficar triste mais irei te ver todas as férias e se eu achar que terei chance de convencer sua família que o melhor pra você é ficar com os índios eu farei, mas se for a sua vontade ficar com sua família eu respeitarei¹⁸.

Apesar de assinalados alguns caminhos ainda não se tem a noção exata de como o padre desenvolveu ao longo do tempo uma relação de reciprocidade com os índios que o transformou na memória de muitos grupos em um mártir. Mas o que se percebe no relato da celebração de um ano da morte do padre Arlindo é que mesmo depois de morto, o padre é

¹⁵ CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira a organização não governamental espanhola Manos Unidas, s/ local, s/data.

¹⁶ RELATO da “celebração eucarística do primeiro aniversário de partido do Pe. Arlindo Ignácio de Oliveira”. S/local, s/ data.

¹⁷ ZOKEZOMAÊ, Dirson. Céu da Aldeia Bocaíuval apud RELATO da “celebração eucarística do primeiro aniversário de partido do Pe. Arlindo Ignácio de Oliveira”. S/local, s/ data.

¹⁸ CARTA de Adriana Quezo à Arlindo Ignácio de Oliveira Ubiratã, 1997.

alvo de disputa no campo da memória e é apropriado de diversas formas pelos grupos indígenas e pela Igreja Católica.

Documentos

CARTA da organização não governamental Manos Unidas à Arlindo Ignácio de Oliveira, Madrid, 13-10-1998.

CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira a organização não governamental espanhola Manos Unidas, s/ local, s/data.

CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira à Vera, Reserva Indígena, 13-07-96.

CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 15-07-55.

CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 16-01-57.

CARTA de Arlindo Ignácio de Oliveira aos seus pais. Diamantino, 30-01-55.

RELATO da “celebração eucarística do primeiro aniversário de partido do Pe. Arlindo Ignácio de Oliveira”. S/local, s/ data.

s/ data.

ZOKEZOMAÊ, Dirson. Céu da Aldeia Bocaiuva apud RELATO da “celebração eucarística do primeiro aniversário de partido do Pe. Arlindo Ignácio de Oliveira”. S/local,

CARTA de Adriana Quezo à Arlindo Ignácio de Oliveira Ubiratã, 1997.

Referencias bibliografias

CASTRO GOMES, Ângela. **Escrita de si, escrita da história**: a título de prólogo. In: Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel e Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização**: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2000.

LE GOFF, Jacques. História. In ROMANO, Ruggiero (Dir.) **Enciclopédia Einaudi** – Volume 1 – Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.